

Um olhar sobre Brasília

O cineasta Silvio Tendler defende que a capital é uma cidade mais igualitária, com uma intensa demanda cultural e onde a amizade tem um sentido peculiar

Costuma-se dizer que a primeira impressão é a que fica. O que o tempo vai fazer é reforçar ou não o encantamento desse primeiro olhar. Para o cineasta Silvio Tendler, Brasília nunca foi “um difícil começo”. Seu primeiro encontro com a cidade ocorreu aos 16 anos, quando ainda era estudante e queria conhecer a capital do País. Ele reconta que naquela época o Teatro Nacional ainda estava em construção. Só existia a sua parte exterior.

O que Silvio Tendler não podia imaginar em 1966 era que, trinta anos depois, seria ele o secretário de Cultura do Distrito Federal e trabalharia naquele espaço, sendo responsável pelo bom uso do teatro.

“Eu guardo com muito carinho esse primeiro olhar. Brasília, nessa época, ainda era fruto do delírio de um visionário. JK percebeu a importância do lugar que, segundo suas próprias palavras, em breve se tornaria sede das deci-

sões nacionais”, compara Tendler, que acabou filmando a vida do presidente Juscelino Kubitschek.

Para o cineasta, a imensidão do Planalto Central dá a dimensão de como é pequena a vida humana. Ele admite que, se por um lado esse sentimento pode trazer um pouco de solidão, por outro faz com que a pessoa busque laços. “A amizade é um sentimento muito especial para os habitantes da cidade. Talvez porque os moradores têm a impressão de que todo mundo é um pouco estrangeiro e o que acaba estreitando as relações são os sonhos e as esperanças que nos levaram à cidade. Brasília tem essa mágica de acharmos que podemos contribuir para melhorar o país e, conseqüentemente, a nós mesmos”.

Durante os três anos em que Silvio Tendler foi acolhido por Brasília, de 1995 até 1998, o carioca reforçou a imagem que já tinha de considerar Brasília uma cidade mais igualitária. “Por ser uma



Silvio Tendler

cidade nova, Brasília possibilita uma ascensão social sob todos os aspectos. Desde a pessoa que quer se estabelecer como comerciante até os que decidem seguir carreira na área pública. Brasília, como poucas cidades do país, modifica a qualidade de vida”.

Como secretário de Cultura, no governo de Cristovam Buarque, Silvio Tendler percebeu que existe uma demanda cultural muito intensa. “Muitos espetáculos que às vezes vinham para ficar apenas uma semana, acabavam se estendendo por um mês. O bom espetáculo em Brasília é prestigiado, até mesmo porque além de ter uma boa formação cultural, a população tem um alto poder aquisitivo”.

Se para alguns o clima seco da cidade pode ser ingrato, do ponto de vista cinematográfico Brasília é

fantástica. “Qual é a cidade do mundo em que você pode dizer: venham filmar que aqui não tem perigo de chover? Em Brasília chove apenas três ou quatro meses por ano. Era como se a gente tivesse um controle do tempo”. Na opinião de Silvio Tendler, Brasília tem tudo para vir a ser um pólo cinematográfico. Mas para ele isso demanda muito investimento e, acima de tudo, decisão política. Foi justamente a falta de uma estrutura cinematográfica que acabou forçando o cineasta a voltar para o Rio. Ele reconhece que longe da indústria tudo fica mais caro, obrigando as pessoas a se deslocarem para o Rio e São Paulo.

Depois de filmar a vida de Castro Alves, cuja produção recebeu o apoio da Unesco, onde atualmente presta assessoria, Silvio Tendler está envolvido nas filmagens sobre a vida de Oswaldo Cruz. O trabalho dificulta sua saída do Rio de Janeiro. Mas o cineasta confessa que nenhum lugar do mundo tem um céu tão lindo como o de Brasília. “Sua luz é deslumbrante e não é qualquer efeito especial que reproduz essa beleza. Isso é um presente especial que a cidade oferece a seus moradores”.

LOURDES FERNANDES

Especial para o JORNAL DE BRASÍLIA